

# Quando a tecnologia começa a decidir como vemos o mundo

written by Miguel Gonçalves | 9 de Janeiro, 2026

**OCIDADÃO**  
Journalism Libre

**OPINIÃO**  
**Miguel Gonçalves**



Vivemos uma era em que a tecnologia já não se limita a facilitar a vida. Ela começa, silenciosamente, a interpretar-la por nós.

Nos últimos meses surgiram notícias sobre patentes registadas pela Apple que apontam para óculos inteligentes capazes de ajustar a correção visual em tempo real, exatamente no ponto para onde estamos a olhar. Uma promessa tentadora: ver sempre bem, sem esforço, sem adaptação, sem limites.

À primeira vista, parece apenas mais um avanço tecnológico. Mas talvez seja mais do que isso.

Ver melhor... ou ver menos?

Ao longo da história, os óculos sempre foram mais do que um

instrumento médico. Foram uma extensão da identidade, da profissão, da idade, da personalidade. Um objeto profundamente humano, feito para ajudar o olhar, não para o substituir.

Quando uma tecnologia passa a decidir automaticamente o que deve estar nítido, o que deve desfocar, o que merece foco imediato, surge uma pergunta inevitável: continuamos a ver... ou começamos a ser guiados no que vemos?

A visão não é apenas ótica. É interpretação. É escolha. É tempo.

A ilusão da visão perfeita

Vivemos obcecados pela ideia de “perfeição”: som perfeito, imagem perfeita, desempenho perfeito. Mas a vida nunca foi perfeita, foi sempre imperfeita, adaptativa e humana.

As limitações visuais, como a presbiopia ou a necessidade de adaptação a lentes progressivas, não são falhas do sistema. São sinais do tempo, da experiência, do percurso. Eliminá-las tecnicamente pode ser útil, mas eliminar a relação consciente com elas pode ter um custo invisível.

Quando tudo se ajusta automaticamente, deixamos de ajustar-nos a nós próprios.

Tecnologia com consciência

Não se trata de rejeitar a inovação. Pelo contrário. Trata-se de questionar o lugar que lhe damos.

A tecnologia deve servir o ser humano, não substituí-lo no ato mais íntimo de todos: a forma como vê o mundo.

Talvez o futuro não esteja numa visão perfeita e automatizada, mas numa visão mais consciente, onde tecnologia e humanidade coexistem sem que uma apague a outra.

Porque ver bem não é apenas ver mais nítido. É continuar a ver

com sentido